

Parece que foi assim...

Crônicas do anedotário político
mato-grossense

Paulo Leite

© 2005. Leite, Paulo Maria Ferreira.

EDITORA

Maria Teresa Carrión Carracedo

CAPA E DESIGN GRÁFICO

Helton Bastos

PAGINAÇÃO

Maike Vanni

Fotos

Franco Venâncio (capa)

Rafael Manzutti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leite, Paulo Maria Ferreira

Parece que foi assim -- : crônicas do anedotário político mato-grossense / Paulo Maria Ferreira Leite. -- Cuiabá, MT : Edições Aroe, 2005.

148p.; 23cm.

ISBN 85-88696-30-4

1. Crônicas brasileiras 2. Mato Grosso - Anedotas 3. Mato Grosso - Política e governo 4. Repórteres e reportagens I. Título. II. Título: Crônicas do anedotário político mato-grossense.

05-5510

CDD-070.44932098172

Índices para catálogo sistemático:

1. Anedotário político mato-grossense:
Crônicas jornalísticas 070.44932098172
2. Crônicas jornalísticas: Anedotário
político mato-grossense 070.44932098172

Edições Aroe

Av. Senador Metello, 3.773, Jardim Cuiabá

Cep: 78.030-005 – Cuiabá, MT • Telefax: (65) 624 5294 / 624 8711

www.carrionecarracedo • e-mail: editora@centraldetexto.com.br

Paulo Leite

Parece que foi assim...

Crônicas do anedotário político
mato-grossense

Cemat 
REDE



edições
Aroe

Cuiabá, Mato Grosso, 2005

Para
João Gabriel, Luís Felipe e Luciana,
meus filhos e esposa, fontes permanentes
de amor e inspiração.

Luiz (*in memoriam*) e Jaíra, meus pais,
raízes da minha formação ética e espiritual.

É com muita satisfação que vejo os textos escritos originalmente pelo jornalista Paulo Leite para o Diário de Cuiabá ganharem o formato deste livro. Simples fatos do cotidiano político de Mato Grosso são relatados de forma elegante e bem humorada por este observador privilegiado de nossa política. Com seu trabalho, Paulo consegue mostrar um lado desconhecido do grande público, de vários personagens extraordinários que povoam o nosso noticiário.

Gustavo Oliveira,

Diretor de Redação do Diário de Cuiabá.



Agradecimentos

Ao amigo José Luiz Siqueira, pela paciência e dedicação para que esta obra chegasse ao final. Revisor e *copidesk*, emprestou sabedoria e tempo para a finalização deste trabalho. Sônia Zaramella também colaborou na revisão.

Aos incentivadores de minha carreira como jornalista e consultor na área de propaganda eleitoral e política, que me abriram as portas deste imenso e rico cenário de homens e mulheres que ilustram com graça, inteligência e perspicácia, a vida mato-grossense. São eles: Onofre Ribeiro, Pedro Rocha Jucá, Osmar Soares, Paulo Guimarães, Luiz Carlos Becare, Marcos Lemos e João Pedro Marques.

Agradeço de maneira especial ao jornalista Gustavo Oliveira, que abriu de forma democrática as páginas do jornal Diário de Cuiabá para a publicação da coluna que deu origem a este livro. Merece também minha gratidão o jornalista Kleber Lima, pelo incentivo e cobrança para que o texto mantivesse sua periodicidade.

Quero agradecer de forma especial ao ex-senador Júlio Campos e ao senador Antero Paes de Barros, com os quais compartilhei momentos de angústia, sofrimento e tristeza nas campanhas eleitorais de 1998 e 2002, mas que me ensinaram que a única derrota que não se supera é a covardia. Mais recentemente, dividi a mesma experiência com o deputado Sérgio Ricardo.

Agradeço ao deputado estadual José Riva, amigo leal e homem de muitas qualidades, que sempre esteve presente nos momentos

difíceis. E a Gilmar Fabris, que na presidência da Assembléia Legislativa, me acolheu na Casa, onde servi com muito orgulho.

Agradeço, de forma muito eloqüente ao ex-governador Jaime Campos, um amigo inestimável, que me fez compreender que política é uma ciência exata, para aqueles que honram o mandato e a delegação popular. Jaime me ofereceu a oportunidade de pensar um Mato Grosso próspero e justo, quando me nomeou secretário de Comunicação Social do Estado.

Extendo meus sinceros agradecimentos a todos que comigo compartilharam, de uma forma ou de outra, os encantos desta fabulosa viagem pela paisagem humana regional.

Para finalizar, expresso devoção a Nossa Senhora Aparecida, que me inspira e me dá força para acreditar em um mundo melhor.

Prefácio

Li, confesso, com inveja a seleção de crônicas do Paulo Leite, pois elas têm o formato e a síntese que todo catador de histórias gostaria de transportar para o papel. Paulo Leite é neste livro repórter e historiador.

Como repórter, é conciso. E é um historiador preciso. Como esses adjetivos se equivalem, o cronista é completo. Modesto, na própria apresentação diz não ter a pretensão de fazer um registro histórico de acontecimentos e muito menos de fazer de sua obra uma fonte de consultas. Sem querer, resume assim, duas das muitas características do *Parece que foi assim...*

O texto consegue ser irretocável sem ser arrogante. Por isso, não nos ensina a escrever, mas nos ensina a escrever melhor. Isso é a coisa mais instigante do livro: lendo-o, temos a sensação de estarmos não só ouvindo o relato do autor como a de sermos testemunhas das histórias que ele nos conta, tudo isso no chamado bom português.

É um livro para sala de aula de história, jornalismo, língua portuguesa, ciência política, sociologia, etc. Para ler no ônibus, táxi e mesa de bar. Nada nos tira a concentração das histórias que nos prendem. Na cabeceira, é, não se assustem, um livro de autoajuda para combater o mau-humor, o estresse, depressão e qualquer doença do fígado.

Eu só não digo que o livro é cara do Paulo Leite para não atrapalhar a vendagem. O melhor é dizer que a obra reflete a per-

sonalidade do autor. Falemos um pouco dele: conheci-o primeiro de fama, na boca dos papas do *marketing* político. Achava até que Paulo Leite era baiano, como a maioria deles. Ou que talvez fosse mais um produto do trabalho desses marqueteiros. Quando passei a conviver com ele descobri que não era sabonete nem cerveja. E tinha uma qualidade a mais dos marqueteiros: a sensibilidade do repórter, fundamental para quem quer entender o que interessa à opinião pública. Sua única identificação com os baianos está no fato de nos contar neste livro apenas 63 histórias, quando na verdade conhece milhares delas. Mas não faz mal. Ele deu o pontapé. Ele nos deve mais. E tem o dever cívico de dar seqüência a este livro. O privilégio do acesso ou o acesso privilegiado exige essa – para usar a palavra oficial vigente – contrapartida social.

Jorge Bastos Moreno
Repórter político e colunista do jornal O Globo,
e diretor do InfoGlobo, em Brasília.

Apresentação

Parece que foi assim... não tem a pretensão de ser um registro histórico de acontecimentos políticos regionais. Muito menos quer assumir a condição de fonte de consulta para interessados neste palpitante tema da vida mato-grossense. Ao contrário, os textos apresentados neste livro são apenas o resgate de alguns valores culturais desta gente que faz da política partidária um ambiente de convivência humana e disputas pessoais. Para muitos, a refrega eleitoral e as artimanhas políticas se tornaram mananciais da engenhosidade cabocla e da inventividade pantaneira. Política vista com leveza e originalidade; com inteligência e astúcia; e com graça e generosidade. Todas são histórias de fundo verdadeiro, contadas de boca em boca e, que por sua sutileza, ganharam as asas criativas do imaginário popular. São anedotas ou histórias recolhidas no dia-a-dia da cobertura jornalística da editoria política local. Justamente pelo caráter literário e descompromissado deste trabalho, seus personagens não são apresentados de forma crítica. Todos são mostrados dentro de um universo que valoriza muito mais suas virtudes, do que o contexto histórico e suas ideologias. O livro não pretende julgar ou desmerecer ninguém. Apenas apresenta-os como protagonistas de situações embaraçosas, hilariantes ou constrangedoras. Por isso mesmo, *Parece que foi assim...* deve ser lido com isenção e como forma de divertimento. Porque na trajetória de qualquer grande homem sempre existe uma escorregadela que a imprensa deixou de registrar.

Paulo Maria Ferreira Leite



Sumário

Agradecimentos	9	O mar em Cuiabá.....	79
Prefácio	11	O grande orador.....	80
Apresentação	13	O embaixador e o bife.....	82
O último nó.....	17	O dono do caminhão	84
Só o de ralar	19	Diplomata negro	86
Governador honesto	21	Loteria	88
O enviado.....	23	Gramática.....	90
Visita	25	Gigantão.....	92
Aeroporto.....	27	Garganta profunda	94
A Santa	29	Um tapa.....	96
O cheque.....	31	O motorista	98
Senador biônico	33	Maquiagem.....	100
Pelos fundos	35	Só antecipado.....	102
O leilão.....	37	Batismo.....	104
Promessa cumprida	39	Microfone.....	106
O baile do imperador	41	A esposa não veio	108
Na rua... ..	43	A notícia	110
Malufinho pantaneiro	45	Bola vermelha	112
Gengibre.....	47	Cachaça, sim!.....	114
Barrado no baile	49	Controlado	116
Bagos de boi	51	Despacho histórico.....	118
De sargento a major	53	Em cartaz.....	120
O sogro.....	55	Entre as estrelas.....	122
Do rio	57	O espírito da máquina.....	124
Troca-letas.....	59	Folclórico	126
Dentadura	61	Barbeiro.....	128
Culinária	63	Comunismo	130
Cuidado com a boca.....	65	Sorocabanos	132
Cabeça de burro	67	Lava-pés	137
Assessor quase fiel.....	69	Cuiabanas.....	139
Genital	71	Um moderado	141
Verão inesquecível.....	73	Frases.....	143
Quadrado	75	Índice onomástico.....	145
Oposição magoada	77		

O último nó

Júlio Campos sempre foi um sentimental. Sua astúcia e esper-teza não concorrem com a compaixão e a generosidade que guarda na alma. Mordaz e debochado, ele é capaz, no entanto, de gentilezas e gestos de fineza só possíveis aos altruístas.

Nos últimos dias de governo do general João Batista de Figuei-redo, no crepúsculo da ditadura militar, o governador Júlio Campos quis prestar uma homenagem ao presidente que se despedia. Era um ato de suprema sensibilidade que vinha direto do seu coração. Convidou o velho estadista para a inauguração da pavimentação da BR-163, na altura do município de Sinop.

Para Júlio Campos, aquele era um gesto de reconhecimento de Mato Grosso ao apoio do presidente Figueiredo à incorporação do vasto cenário do cerrado ao processo produtivo nacional.

O cerimonial do Palácio Paiaguás preparou uma festa com os requintes para um chefe de Estado. Todos os rituais protocolares foram observados com rigor. Feitas as honras, a comitiva seguiu de ônibus para o local onde se desenvolveria a parte política do evento.

Discursaram deputados, senadores, ministros, o governador e, por fim, o presidente da República. Foi uma solenidade como-vente. Uma verdadeira cerimônia de despedida. O réquiem de um sistema político.

Proferidas as palavras, puseram-se em direção à rodovia para o derradeiro ato do cerimonial: o desenlace da fita inaugurativa.

A honra coube ao presidente Figueiredo, que se posicionou em um dos lados do laço, e ao governador Júlio Campos, que estava do outro lado.

Mas aí aconteceu o inusitado. Figueiredo puxou a fita e o nó não desatou. Júlio Campos também fez força e nada. Vieram então os ajudantes de ordens, oficiais do Exército e da Polícia Militar para dar um solavanco na fita. Mas nada aconteceu. O laço se mantinha incólume e indestrutível. Puxa daqui... puxa dali... e a fita firme como um mármore. Seguiram-se alguns instantes de hesitação e constrangimento, até que apareceu um funcionário com uma tesoura.

A fita foi cortada, mas o laço se manteve inflexível. Invencível. Era o último nó que o regime militar não conseguia desatar. Dias depois, tomava posse na presidência da República o primeiro presidente civil em duas décadas.

Só o de ralar

Autêntico, sincero e gentil, o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon cultivou as virtudes do caboclo pantaneiro até o final da vida. Avesso a homenagens e a fama que a simples menção de sua história precedia, Rondon atravessou a velhice de maneira singela e tranqüila. Foi um crepúsculo cândido, como o seu próprio nome profetizava.

Sua memória está concentrada no estudo de alguns biógrafos e na documentação fotográfica e cinematográfica de poucos pesquisadores. Existem mais registros sobre o marechal em museus dos Estados Unidos do que no Brasil. Mesmo assim, Rondon continua se impondo como uma das personalidades mais instigantes da vida nacional.

Sua missão pacificadora junto às comunidades aborígenes do Oeste brasileiro e seu esforço obstinado para interligar a vasta região ao sistema telegráfico são considerados as últimas grandes epopéias da humanidade, no século XX. Rondon é uma celebridade universal. Herói da estatura de navegadores e conquistadores, mas de alma dócil e jeito simples. Raras vezes concordou com aparições públicas ou concedeu entrevistas à imprensa.

Já bem velhinho, no entanto, aceitou fazer uma participação num programa da extinta TV Rio. Era o final da década de 50 e a televisão ainda uma aventura. Talvez, esse espírito tenha convencido o antigo desbravador a encarar o desafio. Não havia